O perfil dos redatores do periódico *O Auxiliador da Indústria Nacional* (1833-1896)

The profile of newspaper editors *O Auxiliador da Indústria Nacional* (1833-1896)*

Cesar Agenor Fernandes da Silva **
Universidade Católica de Santos

David Francisco de Moura Penteado***
Universidade Católica de Santos

Resumo

Na primeira metade do século XIX no Brasil, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, dezenas de periódicos que se propuseram a vulgarizar o conhecimento científico e suas técnicas foram publicados com um objetivo comum: trazer as benesses da civilização para a recém-nascida nação. Entre esses periódicos, foi fundado no ano de 1833, um jornal oriundo dessa tradição que se destacou em sua época por sua longevidade e especificidade na busca pelo melhoramento das técnicas produtivas da nação, seu nome era *O Auxiliador da Industria Nacional*. Criado como órgão de divulgação da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, o jornal existiu durante sessenta anos, sendo extinto apenas em 1896. Responsáveis pelo periódico estavam um redator e uma comissão normalmente composta por três membros, todos associados a essa sociedade. Buscou-se, no presente artigo, compreender a biografia dos redatores e de outros homens que auxiliariam na feitura do segundo periódico mais duradouro do período. Foi possível realizar um estudo prosopográfico a partir das informações pesquisadas no periódico da Sociedade Auxiliadora, demais publicações do

Abstract

In the first half of the nineteenth century in Brazil, especially in the city of Rio de Janeiro, dozens of journals that sought to popularize scientific knowledge and its techniques were published with a common goal: a civilizing project for the newborn nation. Among these periodicals was founded in 1833 a newspaper from this tradition that stood out in its time for its longevity and specificity in the search for the improvement of the productive techniques of the nation, its name was *O Auxiliador da Indústria Nacional*. Created as an organ of dissemination of the Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, the newspaper existed for sixty years and was extinguished only in 1896. Responsible for the periodical was a writer and a committee usually composed of three members, all associated with this association. In this paper, we sought to understand the biographies of writers and other men who assist in making the second most durable periodical of the period. And, from the biographical information researched in the periodic of the Sociedade Auxiliadora, other publications of the period, biographical dictionaries and more recent academic

* A pesquisa que resultou na redação deste artigo contou com apoio do CNPq.

** Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista – Unesp campus de Franca –, se dedica ao estudo do periodismo oitocentista fluminense, especialmente os que lindavam com conteúdos técnico-científicos. Professor da Universidade Católica de Santos e da Universidade Metropolitana de Santos..

*** Graduado em licenciatura em História pela Universidade Católica de Santos (UNISANTOS). Foi bolsista PIBIC de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) entre 2014 e 2015. Pela pesquisa que deu origem a este artigo, recebeu o prêmio de melhor apresentação de trabalho de Iniciação Científica na X Jornada de Iniciação Científica e Tecnológica da Universidade Católica de Santos na área Ciência Humanas e Sociais Aplicadas.

período, dicionários biográficos e publicações acadêmicas mais recentes. Os engenheiros, médicos, advogados, professores e, com destaque, aqueles que compunham a administração estatal e que foram os auxiliadores na publicação do periódico.

Palavras-chave: periodismo; ciência e técnica; Rio de Janeiro.

publications, to draw a prosopographic profile of these men. The engineers, doctors, lawyers, teachers and, most prominently, those who composed the state administration and who were the helpers in the publication of the periodic.

Keywords: periodism; science and technique; Rio de Janeiro.

● **Enviado em: 12/05/2017**
● **Aprovado em: 27/06/2017**

O estudo prosopográfico nunca é tarefa fácil aos historiadores.[1] Contudo, elaborar uma biografia coletiva, traçar um perfil de um grupo, perceber indícios das redes de sociabilidade que ligava homens e mulheres do passado é uma atividade que nos permite compreender de forma mais aprofundada quem eram e quais funções sociais, políticas e econômicas ocupavam os membros de um determinado grupo social. Além disso, podemos perceber o grau de influência deste grupo na sociedade no período estudado. No caso deste artigo, não realizamos um estudo contendo todas as relações variáveis possíveis, sobretudo pela escassez de informações, mas nos dedicamos a traçar um perfil dos redatores do periódico *O Auxiliador da Industria Nacional*, publicado entre 1833 e 1892 de forma continua.[2] Esse jornal foi criado e mantido pela Sociedade Auxiliador da Industria Nacional, cuja existência esteve intimamente ligada ao Governo Imperial brasileiro.

São parcas as informações sobre redatores de periódicos oitocentistas brasileiros, pois, em geral, as publicações não traziam informações sobre autoria.[3] A preocupação com a

1 De acordo com Lawrence Stone: "A prosopografia é a investigação das características comuns de um grupo de atores na história por meio de um estudo coletivo de suas vidas. O método empregado constitui-se em estabelecer um universo a ser estudado e então investigar um conjunto de questões uniformes – a respeito de nascimento e morte, casamento e família, origens sociais e posição econômica herdada, lugar de residência, educação, tamanho e origem da riqueza pessoal, ocupação, religião, experiência em cargos e assim por diante. Os vários tipos de informações sobre os indivíduos no universo são então justapostos, combinados e examinados em busca de variáveis significativas. Eles são testados com o objetivo de encontrar tanto correlações internas quanto correlações com outras formas de comportamento ou ação." STONE, Lawrence. Prosopografia. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, v. 19, n. 39, p.115-137, jun. 2011.

2 Um caso raro de longevidade no periodismo brasileiro oitocentista, cujos jornais duravam por curtos período de tempo ou padeciam "do mal dos sete números", como foi comentado no próprio período.

3 A Constituição do Império do Brasil de 1824 garantia a liberdade de imprensa, mas, ao publicar, os autores deveriam se responsabilizar pelos escritos. A liberdade tinha limites, não era permitida a calúnia, a difamação e a mentira. A normatização dos crimes de imprensa só foi realizada em 1830, no

responsabilidade dos autores sobre seus textos no Brasil seguiu um movimento que vinha ocorrendo no Velho Mundo. Na Europa ocidental, do meio para o fim do século XVIII, a preocupação com a questão da autoria começou a se manifestar. O "quem escreve" ou "quem fala" passou a ser um dos objetos de legitimação do próprio texto, de sua autoridade, e a figura do autor passou a ser requisitada, a exercer uma função. A Inglaterra formulou a lei de copyright em 1765. Essa lei também foi criada em outros países do continente no início do século XIX, especialmente pela influência das ações de guerra de Napoleão, pois os territórios ocupados pela França passaram a incorporá-la, como no caso da Itália, em 1810, por decreto de Napoleão.[4]

Os jornais e o próprio periodismo publicados no Brasil oitocentista, especialmente no Rio de Janeiro, tiveram, entretanto, características distintas em comparação às publicações europeias. O periodismo brasileiro, até meados do século XIX, teve uma marca muito predominante: os magazines ficavam, em sua maioria, sob a responsabilidade de um único redator. Esses redatores dificilmente assinavam seus nomes nos jornais e, quando o faziam, era sob pseudônimo. Quando havia colaboradores fixos ou ocasionais, os textos eram assinados.[5]

Ao traçarmos este perfil acreditamos que estamos esboçando um quadro que pode contribuir para o preenchimento desta lacuna, ou, então, arriscamo-nos em dizer que existe grande possibilidade deste perfil ser extrapolado para uma boa parte dos autores de magazines que se dedicavam à vulgarização do conhecimento técnico-científico no Brasil oitocentista, especialmente na Corte. Para tanto, iniciaremos este texto descrevendo brevemente a história e as características da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN) e seu periódico e, posteriormente, traçaremos o perfil dos redatores, bem como apontaremos indícios que possibilitam a ampliação desse estudo para os demais membros da SAIN.

Código Criminal do Império. Nesse Código foi definido que o tipografo era o primeiro responsável pelos crimes de abuso cometidos, todavia, se provassem quem eram os autores, se livrariam da culpa. Embora os periódicos na primeira metade do século XIX raramente fossem assinados por seus autores, o universo de escritores nacionais era pequeno e era pouco provável que os autores dos jornais não fossem conhecidos publicamente.

4 O Correio Braziliense noticiou em várias oportunidades a adoção dessa lei em diversas regiões que foram ocupadas pelas tropas napoleônicas. *Correio Braziliense ou Armazém Literário*,Londres**,** 1808-1822.

5 Mesmo nas fichas catalográficas dos magazines elaboradas na Biblioteca Nacional (fruto dos esforços do historiador José Honório Rodrigues, em boa parte) não foi possível encontrar o nome dos redatores. No entanto, em alguns trabalhos historiográficos dispersos, como o trabalho de VIANNA, Hélio. *Contribuição a história da imprensa brasileira (1812-1869)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945 (que normalmente tratam de personagens), é possível encontrar a autoria de um ou outro periódico. Dos anos 60 do século XIX em diante, o historiador que se debruçar sobre este tipo de documentação não enfrentará tal problema.

A SOCIEDADE AUXILIADORA NACIONAL E O SEU PERIÓDICO

O Auxiliador da Indústria Nacional foi um periódico de vulgarização científica que veio à público pela primeira vez em15 de janeiro do ano de 1833, criado por associação civil inaugurada seis anos antes, a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional(SAIN) como seu órgão de divulgação. Seu objetivo, em síntese, era o de levar para o público leigo, mas letrado e industrioso, o conhecimento sobre as mais recentes descobertas científicas relativas à inovação tecnológica, que pudessem modernizar a indústria nacional, conceituada sob o trinômio de indústria fabril, agrícola e manufatureira.[6]

"O Auxiliador da Industria Nacional, ou Coleção de Memorias e Notícias Interessantes aos Fazendeiros, Fabricantes, Artistas, e Classes Industriosas no Brasil, tanto Originais, como traduzidas das Melhores Obras que Neste Gênero se Publicam nos Estados-Unidos, França, Inglaterra, &c." era seu título completo, e o extenso nome não somente explicitava as temáticas que seriam tratadas pelo periódico como também trazia à tona o instrumento empregado para que se conseguisse auxiliar a indústria nacional, isto é, a tradução das mais variadas espécies de textos, originalmente publicados em periódicos estrangeiros e que pudessem auxiliar os homens laboriosos do Império.

A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, por sua vez, uma associação civil de direito privado, havia sido criada com o objetivo de modernizar as técnicas produtivas e impulsionar a introdução de maquinários nas ditas indústrias fabris, mas, especialmente, na indústria agrícola do Império do Brasil.Nascida sob a jurisdição do Ministério dos Negócios do Império, mas, posteriormente, no ano de 1860, transferida para a alçada do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras (MACOP), a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional também existia como um órgão consultivo do Governo Imperial, apesar de sua autonomia administrativa.

O sucesso do movimento independentista, poucos anos antes, trouxe à tona a grande desigualdade entre as quase primitivas técnicas brasileiras e aquelas utilizadas em outros países, mesmo entre as nações americanas. Essas dificuldades, com o tempo, se tornaram um problema de Estado para a recém-criada nação. A defasagem tecnológica limitava não somente a capacidade produtiva e os ganhos do país em sua atividade comercial, mas remetia

[6] *O IMPÉRIO do Brazil na Exposição Universal de 1876 em Philadelphia*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1875, p. 315.

a própria ideia de que naquele início do século XIX o poderio de uma nação estava diretamente relacionado à importância econômica da nação.[7]

Quer fosse a causa desse problema, o desconhecimento das classes industriais – termo que, na época, também abarcava a indústria agrícola – ou mesmo a falta de interesse na modernização de seus métodos de produção, Ignácio Álvares Pinto de Almeida, o idealizador da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, acreditava que aquela associação, em parceira com o Governo Imperial, poderia ser um caminho para que se solucionasse a deficitária cadeia produtiva brasileira. Um esforço em direção ao progresso nacional através do desenvolvimento tecnológico e econômico.[8] Vale aqui uma pequena digressão:a valorização do desenvolvimento econômico foi amplamente inspirada nas ideias contidas nos escritos de Adam Smith, cujas primeiras discussões em torno de suas teorias foram introduzidas no território luso-brasileiro por José da Silva Lisboa, o Visconde de Cairu.[9]

Para desempenhar ações em busca do referido objetivo, a Auxiliadora, além de contar com o subsídio pecuniário do Governo Imperial, também contava com as mensalidades de seus associados. O ápice no número de associados foi entre 1866 e 1877, com a marca de 1300 sócios, entre perpétuos, honorários, correspondentes e efetivos. Com esse auxílio de tão vultosa quantidade de associados, majoritariamente composta por agricultores e comerciantes, a associação pretendia racionalizar os métodos de produção buscando "quer

---

7 Manoel de Oliveira Fausto, nono redator do AIN, asseverava que "já se não calcula o poder das nações pelo número dos seus soldados, pela organização dos seus exércitos, ou pela força de sua artilheira, mas sim pela importância de seus capitães, e pela natureza de suas instituições econômicas: e pôde-se dizer que só os povos ricos é que são poderosos". In: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, Segunda Nova Série, n. 1, 1854, v. IV, p. 6.

8 Discurso de inauguração da SAIN por Ignácio: "Reconhecendo, meus Srs., que ser um dever do Cidadão, que ama sua Pátria, prestar, quanto cabe em suas forças, todos os ofícios, que possam cooperar para a felicidade Nacional; e convencido de que nenhum País floresce, e se felicita sem Industria, por ser ela o móvel principal da prosperidade, e da riqueza, tanto pública, como particular de uma Nação culta, e realmente independente; convencido igualmente de que os Maquinismos são poderosos auxiliadores da Industria, cujos benéficos resultados se derramam sobre todas as classes da Sociedade, e desejando por tanto conciliar estes princípios de verdade incontrastável a benefício do Brasil, que me deu o berço, e onde a Industria sufocada por mais de três séculos, demanda todos os socorros, eu trabalho desde 1820 para que se crie entre nós esta Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, cujo fim principal é auxiliar a indústria, mormente pelo que respeita à aquisição de Maquinismos, que, expostos ás visitas do Público, façam-se conhecidos, possam ser copiados, e desafiem o interesses dos nossos Agricultores, e dos nossos Artistas: para que por meio delas consigam minorar os trabalhos de mão d'obra, obtendo ao mesmo tempo com mais facilidade, perfeição, e menos despesas maior soma de produtos." ALMEIDA, Ignacio Alvares Pinto de. *Discurso que no Faustíssimo dia 19 de Outubro de 1827, em que foi installada a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional recitou Ignacio Alvares Pinto de Almeida*. Rio de Janeiro: Typographia Imperial e Nacional, 1828, p. 3 *apud* BARRETO, Patrícia Regina Corrêa. *Op. cit.*, 192f.

9 Silva Lisboa, mais conhecido como Visconde de Cairu, foi um dos intelectuais nascidos no Brasil que mais textos, traduções, panfletos e periódicos produziu, no período joanino. No entanto, convém esclarecer que sua produção, sobretudo no campo jurídico e na área da economia política, teve uma boa recepção no universo acadêmico lusitano em um período anterior à transferência da Corte. Os seus dois primeiros livros (*Princípios de direito Mercantil e leis da Marinha*, de 1798, e *Princípios de Economia Política*, de 1804) faziam parte da bibliografia lida na Universidade de Coimbra.

relativamente a qualidade quer a quantidade",[10] mas que fosse capaz de transformar o primitivo cenário no qual o Brasil se encontrava. O periódico da Associação, em seu primeiro número, deixou claro aos seus leitores esses objetivos:

> Este Império, que a natureza nos apresentara rústico, precisa dos ornatos da civilização; os tijupares de pendula devem tornar-se em elegantes e cômodas habitações; os matos embrenhados, em fazendas de uma cultura perfeita; os rios empecidos, em canais de franca navegação; as apenas praticáveis veredas, em fáceis e seguras estradas; os toscos teares, em máquinas perfeitíssimas; enfim é do nosso dever, quanto esteja da nossa parte, enfeitar o que achamos gentil, é verdade, porém meio nu, e desalinhado.[11]

Entre as principais atividades realizadas pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional durante sua existência estiveram a distribuição de sementes[12] e animais,[13] a responsabilidade pela aprovação de pedidos de privilégios,[14] a realização de concurso de memórias[15] e produtos agrícolas,[16]a organização e preparação para Exposições Nacionais e Internacionais[17] e a publicação de Manuais Agrícolas.[18] Outro célebre empreendimento foi a

10 *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *Nova Série*, n. 1, 1851, v. VI, p. V.

11 *O Auxiliador da Indústria Nacional*, n. 1, 1833, v. 1, p. 12-13.

12 Desde seus primeiros anos, a SAIN se dedicou em importar sementes de outros países e distribuir entre agricultores ou presidentes de províncias, para que eles fizessem esse trabalho, com o objetivo de promover o cultivo de novas culturas. Havia, inclusive, um modelo de formulário presente na edição do AIN de 1852 para agricultores se inscreverem para o recebimento dessas sementes.

13 Apesar de não ter sido uma atividade realizada com frequências, aliás, apenas encontrei uma única vez em que isso ocorreu, ainda assim foi essa uma atividade empreendida por ela. Em 1860, simultaneamente a publicação do "*Manual do Tratamento dos Porcos*", que também foi publicado AIN daquele ano, a Seção de Melhoramentos das Raças Animais propôs que se importassem porcos da raça Berkshire para o Brasil, ver: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *SegundaNova Série*, n. 12, 1860, v. VIII, p. 446.

14 Os privilégios eram concessões dadas pelo Estado brasileiro, durante o Governo Imperial, para a exploração exclusivista de determinada atividade econômica durante um pré-determinado período de tempo. Até sua extinção no ano de 1850, cabia a Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação do Império do Brasil a incumbência de analisar petições por privilégios. A partir dessa data, a SAIN passou a ser responsável por esses pedidos.

15 Com início em 1837, a SAIN passou a ofertar premiações para quem enviasse os melhores textos relacionados ao melhoramento da indústria nacional. Raimundo Matos da Costa, primeiro-secretário da SAIN à época, anunciou com animação o início desses concursos: "Ainda há mais, Senhores! A Sociedade apresentou ao Brasil a prova do seu patriotismo estabelecendo prêmios pecuniários, e medalhas de honra às pessoas que melhor satisfizerem aos artigos do programa que foi organizado acerca de diversos vamos da Industria Nacional". In: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, n. 9, 1837, v. V, p. 273.

16 Os concursos de agricultura, realizados pela SAIN desde seus primeiros anos, ofertavam premiações para os melhores produtos colhidos, melhores pesticidas, etc.; como 50$000 réis para quem extraísse azeite da semente do chá e a mesma quantia para quem apresentasse o remédio contra a peste em aves domésticas. Para o concurso de 1837, ver: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, n. 1, 1837, v. V, p. 7.

17 A SAIN foi responsável pelas Exposições Nacionais e pelos preparativos brasileiros para as Exposições Universais e Internacionais. Entre as tarefas empreendidas por ela esteve a tarefa de analisar a possibilidade de participação brasileira nas exposições estrangeiras e avaliar os objetos que seriam expostos.

18 Os Manuais Agrícolas foram publicações avulsas editadas e vendidas pela SAIN paralelamente ao AIN. O primeiro foi o *Cathecismo de Agricultura* em 1838, mas muitos outros se seguiram. As publicações desses Manuais tiveram seu auge durante o período de Frederico Leopoldo César Burlamaque na da redação do seu periódico, quando vários desses manuais de sua autoria foram publicados.

criação de duas escolas: a Escola Noturna de Instrução Primária para Adultos e a Escola Industrial. Primeiramente idealizadas por Joaquim Antônio de Azevedo,[19] começaram a funcionar a partir do ano de 1871.

Não somente o Brasil carecia de instrução, técnicas produtivas compassadas com os mais recentes avanços científicos como também carecia de instituições. Almejava essa sociedade instruir os homens industriosos e agricultores, que estavam "presos à fatal rotina em que foram educados" e oferecia para eles o conhecimento técnico-científico necessário "para alívio de seus braços e progresso de suas industrias".[20] Ela também surgia como uma fonte de instrução *per se*, pois a associação também fazia parte da tradição europeia do associativismo científico, fortemente influenciada pelo Iluminismo.[21]

O patriotismo dos seus associados também não pode ser olvidado, pois o objetivo último daquela associação era o desenvolvimento econômico do Império do Brasil. "O melhoramento de qualquer ramo de agricultura e de indústria", escreveu frei José Mariano da Conceição Velloso em um artigo republicado nas páginas do periódico da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, "[...] quando aprofunda o seu conhecimento, acha ser sinônimo da melhoria de um Estado, da sua riqueza e da comodidade dos seus habitantes".[22]

Não obstante, no centro das atividades empreendidas pela Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, além das outras já mencionadas, estava seu órgão de divulgação, *O Auxiliador da Indústria Nacional*.[23]Uma década após seu lançamento, o redator e secretário perpétuo Emílio Joaquim da Silva Maia afirmaria que o periódico era a mais importante realização da *Sociedade Auxiliadora*. Escreveu Emílio Maia, que "quando a Sociedade Auxiliadora mais nada tivesse feito, bastava só a impressão deste seu periódico para ter rendido ao país relevantes serviços",[24] tamanha era a importância de sua publicação para a associação.

---

19 Joaquim Antônio de Azevedo foi um dos sócios mais importantes da SAIN. Além de ter sido o principal responsável pela criação das referidas escolas, presidente interino por várias ocasiões, ter redigido o AIN em 1876 quando o redator à época, Nicolau Joaquim Moreira, esteve ausente, participou de várias comissões e outros cargos, sendo ume sócio bem ativo. Foi chamado de "segundo Ignácio Alvares", em referência ao criador da SAIN. Sobre esse comentário, ver: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *SegundaNova Série*, n. 6, 1886, v. LIV, p. 123.

20 *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *SegundaNova Série*, n. 1, 1869, v. XXIV, p. I-II.

21 DOMINGUES, H. M. B. A Ideia de Progresso no Processo De Institucionalização Nacional Das Ciências No Brasil: A Sociedade Auxiliadora Da Indústria Nacional. *Asclepio*, Vol. XLVIII, 2, 1996, p. 149-162.

22 O Auxiliador da Indústria Nacional, n. 11, 1841, v. IX, p. 321.

23 Além da edição e publicação do AIN, a SAIN ainda se dedicou em importar e vender periódicos estrangeiros no Brasil, como foi o caso com o *Journal dês Connaissances Utiles* no ano de 1837. Ver: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, n. 3, 1837, v. V, p. 66-7.

24 *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *Nova Série*, n. 7, 1846, v. I, p. 7.

No Brasil oitocentista, a publicação d'*O Auxiliador da Indústria Nacional* foi a segunda mais exitosa e longeva dessa espécie, mantendo-se em circulação durante mais de seis décadas e somente sendo ultrapassada pela *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, publicada até os presentes dias. O seu encerramento ocorreu em dois momentos: pela vez primeira no ano de 1892, quando o Congresso Nacional sob o então novo Governo Republicano decidiu cortar o subsídio fornecido à Sociedade Auxiliadora, e que era utilizado para a manutenção do periódico e dos outros empreendimentos da sociedade; e, posteriormente, no ano de 1896, quando o jornal havia sido relançado no mesmo ano, em edições trimestrais, mas foi novamente encerrado após uma única edição sem quaisquer explicações.

A própria Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional não continuou a existir por muito tempo após o fim de seu periódico.[25] Apesar de tentativas no início do novo século para reanima-la, como no ano de 1900, quando seus antigos associados se reuniram para propor a criação de uma associação voltada unicamente para os interesses industriais e reiniciar a publicação do periódico, e mesmo tendo conseguido uma resposta positiva por parte do Governo Republicano para o fornecimento de subsídio, "nada de concreto se efetivou por parte do novo regime".[26] Hipótese aqui levantada também é a de que a imagem da Sociedade esteve sempre associada ao Império, inclusive a presença do Imperador D. Pedro II era comum nas exposições de novos maquinários apresentados na sede da SAIN,[27] o que no novo contexto republicano representava um grande problema.

Diante das dificuldades para reerguer a *Sociedade Auxiliadora*, antigos associados criaram e migraram para o Centro Industrial do Brasil (CIB), fundado em 10 de agosto de 1904. Uma associação criada a partir da fusão da SAIN e do Centro Industrial de Fiação e Tecelagem de Algodão e destinada a ser órgão de classe para defender os interesses das indústrias. Após muitas alterações, o Centro Industrial do Brasil acabou por se tornar a Federação Industrial do Rio de Janeiro (FIRJAN).

A publicação periódica voltada a temáticas científicas não era novidade em terras brasileiras, essa espécie de publicação já havia aparecido pela primeira vez com *As Variedades ou Ensaios de Literatura* (1812 - 1813), na província da Bahia, e pouco tempo depois com *O Patriota: Jornal Litterario, Político, Mercantil &c.* (1813 - 1814), no Rio de Janeiro. Seguiram-se a esses dois jornais muitas outras publicações voltadas ao mesmo propósito: vulgarizar a

25 WEID, Elisabeth von der. *Apontamentos para a História do Centro Industrial do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Portinho Cavalcanti, 1977.
26 Ibid.
27 DANTES, Maria Amélia M (org). *Espaços da ciência no Brasil.* Rio de Janeiro: Fiocurz, 2001.

ciência. Até o ano de lançamento d'*O Auxiliador da Indústria Nacional*, foram lançados no município neutro os *Annaes Fluminense de Sciencias, Artes e Litteratura* (1822), *Jornal Scientifico, Economico e Litterario* (1826) e o *Beija-Flor: Annaes Brasileiros de Sciencia, Politica, Litteratura...* (1830 - 1831). Ao longo do século XIX, foram criados cerca de sete mil periódicos no Brasil, dos quais aproximadamente trezentos relacionados de alguma forma às ciências.[28]

Apesar de herdeiro dessa tradição periódica, *O Auxiliador da Indústria Nacional* distinguiu-se dessas demais publicações pela especificidade das temáticas abordadas em suas páginas. Ao contrário dos outros jornais mencionados, o periódico da *Auxiliadora* não se obstinava a vulgarizar toda forma e espécie de conhecimento para a população geral, tanto porque nem buscava ele ser lido por toda população, mas por aqueles responsáveis pela cadeia produtiva brasileira. A indústria que se propunha a auxiliar não corresponde ao seu significado contemporâneo, mas a "arte, destreza, para granjear a vida, engenho, traça, em lavrar e fazer obras mecânicas".[29] Ainda mais preciso foi José da Silva Lisboa (1756 – 1835), o Visconde de Cairu, conceituando *Indústria* como um termo usualmente mais empregado "ao trabalho engenhoso, que executa com algum considerável grau de inteligência, para se distinguir do mero grosseiro trabalho braçal".[30]

Os temas dos artigos publicados nas páginas d'*O Auxiliador*, mesmo fora da seção de *Variedades*, eram extraordinariamente diversos. Em uma amostra de suas quatro primeiras décadas se encontram seções de correspondência, agricultura, medicina doméstica, economia doméstica, Indústria e artes, publicações literárias, medicina prática, horticultura, economia agrícola, medicina doméstica, economia usual, economia rural, economia, medicina veterinária, bichos da seda, chá, economia industrial, arboricultura, arte veterinária, higiene pública, memória, entomologia, indústria fabril, indústria sérica, indústria agrícola e indústria.

O periódico abrigou uma gama variada de artigos originais e traduções que versavam sobre técnicas agrícolas, instruções para construção de maquinários, criação de animais, notícias sobre a descoberta de novos avanços que fossem relevantes à indústria nacional e mesmo de receitas aplicáveis ao uso comum. Outras temáticas, muitas vezes traduzidos de

---

28 MOREIRA, Ildeu de Castro; MASSARANI, Luisa. Aspectos históricos da divulgação científica no Brasil. In: MASSARANI, Luisa; Ildeu de Castro Moreia; Fatima Brito (Org.). *Ciência e público:* **c**aminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Casa da Ciência - Centro Cultural de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fórum da Ciência e Cultura, 2002, p. 46.

29 SILVA, Antonio de Morais. *Dicionário de Língua Portuguesa*. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813, T.1. Verbete: indústria.

30 LISBOA, José da Silva. Observações sobre a franqueza da indústria e estabelecimento de fábricas no Brasil. Rio de janeiro: Impressão Régia, 1810. Por ordem de sua alteza real. In: ROCHA, Antonio Penalves. ROCHA, Antonio Penalves (org. e introd.) *José da Silva Lisboa*, Visconde de Cairu. São Paulo: Ed. 34, 2001, p.222 (Coleção Formadores do Brasil).

periódicos estrangeiros, versavam sobre fertilizantes, o cultivo de café, algodão, tabaco, açúcar, mandioca; a fabricação de produtos de origem animal e vegetal, velas; a conservação de produtos agrícolas diversos e mesmo de utensílios domésticos. Além de promover a utilização de maquinismos e técnicas desenvolvidas à luz de métodos científicos para serem aplicadas nas atividades produtivas do Império.

Os sessenta de anos publicação não passaram incólumes para as temáticas de textos publicados n'*O Auxiliador*. A temática das publicações, apesar de sempre diversa e abrangendo um grande espectro de assuntos, por vezes sofreram mudanças em suas tendências. A primeira – e talvez também a única alteração realmente profunda – aconteceu com a entrada de Nicolau Joaquim Moreira na redação do periódico, no ano de 1866, quando os temas relacionados a atividade de agricultura perderam seu lugar de destaque para artigos que abordavam maquinários, balança comercial, economia e outros temas mais vinculas a indústria fabril.

A trajetória desse periódico contempla, em uma estimava, 26700 páginas publicadas,[31] 721 números[32] e 61 edições, que compilavam os números publicados de cada ano findo. Lançado em edições mensais durante a maior parte de sua existência,[33]. A edição e edição d'*O Auxiliador da Indústria Nacional* sempre foi de responsabilidade de um associado da SAIN. Em sua trajetória, foram responsáveis pelo periódico doze redatores, juntamente com vinte e nove membros na comissão de redação – homens que sempre foram sócios efetivos da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional.[34]

Os nomes dos redatores[35] d'*O Auxiliador da Indústria Nacional*, entretanto, dificilmente estavam explícitos nas páginas do periódico. Por ser o órgão de divulgação de uma associação, a contribuição e reconhecimento do redator muitas vezes esteve sublimada diante de seu aspecto institucional. Somente na edição do ano de 1848 o nome do redator apareceu pela primeira vez apresentado em seu frontispício, e apenas esporadicamente retornou a ser

31 O cálculo dessa estimativa foi feito com base nos seguintes números: A média de páginas para cada edição do AIN até 1878 é de 500 folhas. Após essa data, essa média caiu para trezenas folhas por edição. Assim, 22500 foram a média de páginas pré-1878 e a partir dela 4500. Somou-se o número médio de folhas para esses dos períodos e chegou-se a esse número.

32 Doze números de sessenta edições anuais mais o último número da edição de 1896. Entretanto, menciono que alguns anos o AIN publicou mais que doze números a cada edição anual.

33 Durante o relançamento do AIN em 1896, ele passou a ser publicado em edições trimestrais. Ver: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *SegundaNova Série*, n. 1, 1896, v. LXI, p. 70.

34 Existiram quatro tipos sócios na SAIN: (1) o sócio efetivo, (2) sócio correspondente, (3) sócio honorário e (4) o sócio perpétuo, apesar do Estatuto de 1831 apenas mencionar os três primeiros. Além desses quatro, havia o chamado *sócio subscritor*, que eram aqueles que faziam a assinatura anual do AIN.

35 A definição empregada de redator neste trabalho é a de aquele responsável pela edição do periódico, decidindo quais textos vão compor a sua edição e sob quais formas. Optei por manter o temo *redator* por ser aquele utilizado pela SAIN, apesar de muitas outras pessoas redigirem para o jornal.

exposto da mesma maneira. No restante desse tempo, o nome do redator somente era apresentado entre as atas das sessões do conselho da *Sociedade Auxiliadora* e se limitando-a referências indiretas.

No período anterior, só foi possível conhecer o nome dos redatores por meio de menções nas atas das sessões e, ainda mais raramente, nas listas dos associados que compunham o Conselho Administrativo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, listas essas que eram frequentemente publicadas nas páginas de seu órgão de divulgação. Por causada imprecisão dessas informações, por vezes ficaram dúbias as datas de entrada e saída de cada redator.

Nas listas de membros do Conselho Administrativo, eram publicados os membros das muitas comissões e os ocupantes dos cargos administrativos da *Sociedade*. Esses sócios eram eleitos pelos demais membros para um mandato de um ano,[36] e só podiam ser eleitos para esses cargos os sócios efetivos.[37] Em um primeiro momento, votavam nessa eleição trinta membros do conselho escolhidos dentre todos os sócios efetivos em Assembleia Geral, que eram escolhidos por indicação de outros sócios efetivos e escrutinados em Assembleia Geral.[38]

A primeira lista do Conselho Administrativo da *Sociedade Auxiliadora* foi publicada nas páginas do periódico em seu oitavo número, em 1833. A comissão *responsável* pela administração d'*O Auxiliador* era a *Comissão de Redação de Jornais, Programas, e revisão de memorias*. O nome dessa comissão, no entanto, sofreria alterações com o tempo. Estranhamente o redator responsável pelo jornal apenas esteve entre seus membros durante pouquíssimas ocasiões, assim como a função de redator não aparentou estar sempre sujeita às eleições.[39] Em outras palavras, a comissão pareceu exercer um papel secundário na administração da publicação.[40]

---

36 Nas primeiras edições d'*O Auxiliador da Indústria Nacional*, esse processo era frequentemente descrito antes da publicação das listas dos membros que compunham, naquele período, o conselho.

37 *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *Nova Série*, n. 6, 1851, v. VI, p. 196.

38 *ESTATUTOS da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional*. Rio de Janeiro: Typographya Austral, 1838, p. 9-10; 11.

39 Na sessão n. º 162 do conselho da *Sociedade*, realizado dia 27 de julho de 1837, foi criada uma emenda para um dos artigos do Estatuto da SAIN, em que se previa a situação do redator não fosse nem mesmo membro do Conselho Administrativo.

40 Na reforma estatuária do ano de 1847, a função de redator do periódico apareceu como vinculada às tarefas do secretário perpétuo. Essa vinculação, no entanto, durante seu curto período de duração – ela foi alterada em 1849 – dificilmente era efetivada. Apenas Emílio Joaquim da Silva Maia foi redator em decorrência de sua posição como secretário perpétuo. O outro secretário perpétuo eleito durante a vigência dessa reforma pediu autorização do Conselho Administrativo para contratar outro redator para seu lugar.Ver: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *Nova Série*, n. 5, 1847, v. II, p. 200-8, *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *Nova Série*, n. 4, 1849, v. IV, p. 156.

As atribuições da comissão responsável pelo jornal eram de certa forma obscuras, já que não foram descritas nas páginas do periódico. Por meio das atas das sessões, porém, foi possível saber duas das tarefas que eram assiduamente incumbidas aos membros dessa comissão: a primeira era a de analisar e redigir os estatutos da *Sociedade*, que frequentemente sofriam alterações. Em segundo lugar, a tarefa de analisar as memórias e outros textos enviados para publicação no jornal, uma atividade que ocorria com bastante frequência, pois muitos sócios enviavam seus textos para *O Auxiliador*,[41] uma prática que também era bastante incentivada pelos redatores para os assinantes.[42]

OS REDATORES

De acordo com os registros para o ano de 1833, a data de lançamento do periódico, sabemos que o primeiro redator d'*O Auxiliador da Indústria Nacional* foi Januário da Cunha Barbosa (1780-1846),[43] que também ocupava o cargo de Secretário Adjunto da *Sociedade Auxiliadora* no período de lançamento do jornal. Ao seu lado, também na *Comissão de Redação de Jornais, Programas, e revisão de memorias*, estavam o frei Custódio Alves Serrão (1799-1873) e o conselheiro Balthazar da Silva Lisboa (1761-1840).[44]

Os redatores desempenharam um papel mais longevo e relevante na administração e condução d'*O Auxiliador da Indústria Nacional* do que os membros da referida comissão. Eram eles responsáveis pelos artigos que seriam publicados, as suas traduções, respondiam cartas de leitores e alguns deles redigiam textos originais para o periódico. Foram redatores Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), João Maria Barbosa (?-1848), Manoel Ferreira Lagos (1816-1871), Lino Antônio Rebello (?-1857), Emílio Joaquim da Silva Maia (1808-1859), Pedro de Alcântara Lisboa (?-1885), Miguel Joaquim Pereira de Sá (s/d), Berthold Goldschmidt (1817-1893), Manoel de Oliveira Fausto (1854-1857), Frederico Leopoldo César Burlamaque (1803-1866), Nicolau Joaquim Moreira (1824-1894) e Domingos Sérgio de Carvalho (1861-1924). A

41 *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *Nova Série*, n. 3, 1846, v. I, p. 80.

42 Frequentemente eram publicados avisos nas páginas d'*O Auxiliador* pedindo para quem tivessem recebidos sementes da SAIN enviassem memórias com descrições sobre os resultados. E.g. "[...] aos Srs. Fazendeiros, que receberem sementes, que nos digam em tempo quais os resultados que obtiverem". In: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *SegundaNova Série*, n. 2, 1853, v. II, p. 33. O pedido também se estendia para seus subscritores, "As pessoas que quiserem publicar artigos, observações e notícias que possam de alguma sorte interessar à lavoura, artes ou ofícios do Brasil, devem-se dirigir ao redator [...]", In: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *SegundaNova Série*, n. 7, 1854, v. II.

43 No décimo primeiro número do AIN do ano de 1833, em um artigo intitulado "*Carta dirigida ao Secretário da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, pelo Redactor deste Periodico*", Januário da Cunha Barbosa se identificou como o redator do periódico, ver: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, n. 11, 1833, v. 1, p. 1.

44 O Auxiliador da Indústria Nacional, n. 8, 1833, v. I, p. 19.

partir da Tabela 1 conseguimos traçar o período no qual estes homens exerceram, a naturalidade, bem como suas ocupações e formações.

Tabela 1 – Redatores do periódico *O Auxiliador da Indústria Nacional* com suas respectivas naturalidades, ocupações e diplomações.

PERÍODO	REDATOR	NATURALIDADE	OCUPAÇÃO E FORMAÇÃO
1833 -1837; 1843 - 1846	Januário da Cunha Barbosa	Rio de Janeiro, Brasil	Deputado, professor (lente), cônego, jornalista e diretor da Biblioteca Nacional.
1837 - 1840	João Maria Barbosa	Portugal	Frei, padre e professor (lente).
1840 - 1842	Manoel Ferreira Lagos	Rio de Janeiro, Brasil	Diretor de seção do Museu Nacional, médico e pesquisador.
1843	Lino Antônio Rebello	Buenos Aires, Argentina	Professor, médico, doutor em Filosofia e funcionário da tesouraria de Minas Gerais.
1846 - 1849	Emílio Joaquim da Silva Maia	Bahia, Brasil	Médico, professor (lente), diretor de seção do Museu Nacional e vereador.
1849 - 1850	Pedro de Alcântara Lisboa	Rio de Janeiro, Brasil	Engenheiro químico e professor.
1850 - 1851	Miguel Joaquim Pereira de Sá	Maranhão, Brasil	Doutor em Matemática e funcionário do Tesouro Nacional.
1851 - 1854	Berthold Goldschmidt	Grão-Ducado de Posen, Prússia	Professor e *médico* homeopata.
1854 - 1857	Manoel de Oliveira Fausto	Desconhecido, possivelmente Brasil	Advogado e funcionário da Secretaria de Instrução Pública.
1857 - 1866	Frederico Leopoldo César Burlamaque	Portugal[45][46]	Professor (lente), engenheiro, militar e diretor do Museu Nacional.
1866 - 1892	Nicolau Joaquim Moreira	Rio de Janeiro, Brasil	Intendente, Diretor do Jardim Botânico e subdiretor do Museu Nacional.
1896	Domingos Sérgio de Carvalho	Brasil	Engenheiro agrônomo, professor do Museu Nacional e funcionário do MAIC.[47]

45 No texto Elogio Histórico, publicado no jornal da Sociedade em sua homenagem na ocasião de sua morte, foi dito que Frederico tem "por berço essa orla occidental da península ibérica, que admirada prezenciara os heróicos feitos de Viriatus, e estaziada embalara o grande gênio de Camões". In: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, Segunda Nova Série, n. 6, 1866, v. XXI, p. 210-11.

46 Innocencio Francisco da Silva, autor do Diccionario Bibliographico Portuguez e Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, autor do Dicionário Bibliographico Brazileiro afirmam que Frederico Leopoldo César Burlamaque nasceu cidade de Oeiras, na província do Piauí. Essa informação, inclusive, foi seguida por trabalhos contemporâneos acerca de Burlamaque. Para esta pesquisa, contudo, foi preferida a naturalidade de Burlamaque contada pelas páginas do AIN, que afirma que seu nascimento foi em Portugal. Sobre a posição de Innocencio, ver: SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionário Bibliographico Portuguez: estudos applicaveis a Portugal e Brazil*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858, t. 9, p. 403. Sobre Blake, ver: BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. 5.v. *Dicionário Bibliographico Brazileiro*. 7.v. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899, t. 3, p. 160-3.

47 Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.

Os redatores d'*O Auxiliador da Indústria Nacional* não eram, majoritariamente, homens notórios na Política ou largamente honrados pelo Estado brasileiro, assim como os componentes das comissões. Entre os redatores se destacaram por sua atividade política nomes como o do seu primeiro redator, Januário da Cunha Barbosa e Nicolau Joaquim Moreira. Januário, o mais proeminente, teve relevante participação durante o movimento independentista brasileiro e na consolidação do Brasil como uma nação independente. Tendo sido, inclusive, exilado por causa de desavenças com a política de Dom Pedro I.[48] Januário também foi deputado na primeira Assembleia Legislativa do Brasil, entre os anos de 1826 e 1829, pela Província do Rio de Janeiro, e ainda assumiu um segundo mandato no ano de 1845.[49] Outro que também teve destaque foi Nicolau Joaquim Moreira, que exerceu o cargo de presidente da Intendência da Capital Federal entre os anos de 1891 e 1892.[50]

A maioria dos redatores seguintes, entretanto, devido à escassa biografia de alguns deles, não conseguimos registro de participaçãoem alguma atividade política. A exceção foi o de Emílio Joaquim da Silva Maia, que foi vereador entre os anos de 1841 e 1844; mas, como comentado por seu amigo Joaquim Manoel de Macedo,[51] esse evento teve sua relevância subestimada.

Manoel Ferreira Lagos, Emílio Joaquim da Silva Maia e Frederico Leopoldo César Burlamaque, para mencionar três dos redatores mais proeminentes de acordo com a presente historiografia (com a exceção de Januário da Cunha Barbosa), são reconhecidos majoritariamente por suas atividades científicas. O primeiro, pelo seu trabalho em zoologia no Museu Nacional e por organizar e participar da Comissão Científica de Exploração do norte do Império (janeiro de 1859 até julho de 1861).[52] O segundo, Emílio Joaquim da Silva Maia, por

48 BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. 5.v. *Dicionário Bibliographico Brazileiro*. 7.v. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899, t. 3, p. 294-5.

49 PEREIRA NETO, J. A memória biográfica do cônego Januário da Cunha Barbosa. In: Encontro Regional de História da ANPUH-Rio, 2012, São Gonçalo. *A memória biográfica do cônego Januário da Cunha Barbosa*, 2012. p. 1-10.

50 De acordo com a biografia de Nicolau Joaquim Moreira publicada nas páginas AIN, ele foi intendente do Rio de Janeiro no ano de 1894.

51 "Quem o buscava ia lá na seara do sábio, e tinha a certeza de achar o constante e desvelado lavrador manejando o arado da Ciência", escreveu Macedo. In: MACEDO, Joaquim Manoel de. Discurso do Orador do Instituto Histórico o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro***.** Rio de Janeiro, t. 22, 1859. p. 704-712.

52 Composta por Francisco Freire Alemão (Botânica); Guilherme Schüch de Capanema (Geológica e Mineralógica); Manoel Ferreira Lagos (Zoológica); Giacomo Raja Gabaglia (Astronômica e Geográfica) e Antônio Gonçalves Dias (Etnográfica e Narrativa da Viagem), a Comissão Científica de Exploração, uma viagem técnico-científica ao interior do país, realizou pesquisas nas áreas de botânica, geologia, mineralogia, zoologia, astronomia, geografia e etnografia em todo o território do Ceará e arredores. Cf. PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. *Comissão das borboletas: a ciência do Império entre o Ceará e a corte (1856-1867)*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secult. 2003.

suas publicações relativas a atividade médica,[53] mas também em zoologia, muitos desses textos foram publicados na *Revista Médica Fluminense* (1835-1841), a *Revista Médica Brasileira* (1841-1843) e os *Anais de Medicina Brasiliense* (1845-1849).[54] Além da medicina, Emílio Maia também possuía publicações sobre zoologia, história e sanitarismo.[55] E o terceiro, Frederico Leopoldo César Burlamaque, pela administração do Museu Nacional e suas contribuições para a paleontologia, considerado um dos principais e pioneiros trabalhos da paleontologia brasileira.[56] Publicou também uma monografia sobre mamíferos pleistocênicos no ano de 1855.[57]

Esses homens, apesar do destaque obtido em suas respectivas áreas científicas, não deixaram de estar vinculados ao Estado brasileiro, começando pela própria Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, um órgão consultivo, embora estivessem fora de sua administração. Januário da Cunha Barbosa, além de sua carreira política, foi nomeado pregador régio – Cônego – na Capela Real (posteriormente Capela Imperial) do Rio de Janeiro e para o Hábito da Ordem de Cristo. Com vinte e oito anos de idade, foi admitido como substituto na cadeira de Filosofia Racional e Moral e para o pró-comissariado na Ordem Terceira dos Mínimos.[58] João Maria Barbosa, além de padre e frei,[59] foi professor da Academia Militar.[60] Manoel Ferreira Lagos, assim como muitos outros redatores, foi funcionário do Museu Nacional, mas também ocupou o posto de oficial-arquivista da Secretaria de Estado dos Negócios Estrangeiros.[61] Lino Antônio Rebello próximo ao fim de sua vida, foi funcionário da

53 GARCIA, Lucia Maria Cruz. *Emílio Joaquim da Silva Maia: um intelectual no Império do Brasil*. 2004. 106 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

54 A Revista Médica Fluminense, publicada entre os anos de 1835 e 1841, foi o nome da segunda publicação patrocinada pela Sociedade Médica do Rio de Janeiro (posteriormente Academia Imperial de Medicina). Em maio de 1841 a revista passou a se chamar Revista Médica Brasileira e continuou a ser publicada até 1843. Mais à frente, em 1845, foi lançada pela mesma *Academia* os Anais de Medicina Brasiliense, que depois passaram a se chamar Annaes Brasilienses de Medicina em 1849. Cf. DEALENCASTRO, R. B.; SANTOS, Nadja P. dos; PINTO, Angelo da C. *Periódicos Brasileiros no Século XIX – Publicações na Área da Química*. In: 1o. Congresso Luso-brasileiro de História da Ciência e da Técnica, 2000, Évora. Livro de Resumos, 2000. v. 000. p. 87-88.

55 BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. 5.v. *Dicionário Bibliographico Brazileiro*. 7.v. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899, t. 2, p. 272-4.

56 Sobre a atuação de Burlamaque no Museu Nacional e os avanços na paleontologia, ver EWBANK, C. O.; FERNANDES, A. C. S.; SILVA, M. J. E.; HENRIQUES, D. D. R. Uma lembrança de infância: os 'fósseis colossais' e o papel de Frederico Leopoldo César Burlamaque como paleontólogo brasileiro. *Filosofia e História da Biologia*, v. 5, p. 239-259, 2010.

57 MARTINEZ, Paulo Henrique. A nação pela pedra: coleções de paleontologia no Brasil, 1836-1844. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1155-1170, Dec. 2012.

58 BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. 5.v. *Dicionário Bibliographico Brazileiro*. 7.v. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899, t. 3, p. 294-5.

59 O Auxiliador da Indústria Nacional, n. 1, 1838, v. VI, p. 47.

60 O Auxiliador da Indústria Nacional, n. 1, 1838, v. VI, p. 34-5.

61 PACHECO, J. F. Manoel Ferreira Lagos (1817-1871): Dados biográficos do segundo zoólogo do Museu Nacional. *Atualidades Ornitológicas*, Ivaiporã, v. 68, p. 12-13, 1995

tesouraria da Província de Minas Gerais.[62] Emílio Joaquim da Silva Maia foi professor do Imperial Colégio Pedro II[63] e também funcionário do Museu Nacional.[64] Pedro de Alcântara Lisboa foi professor da Escola Normal da Província do Rio de Janeiro.[65] Miguel Joaquim Pereira de Sá foi funcionário do Tesouro Nacional.[66] Berthold Goldschmidt trabalhou como professor no Imperial Colégio Pedro II. Manoel de Oliveira Fausto, além de advogado,[67] foi funcionário da Secretaria de Instrução Pública.[68] E Frederico Leopoldo César Burlamaque, que ingressou na carreira militar ainda jovem, se reformou com a patente de Brigadeiro;[69] mas, além dessa função, também ocupou importantes cargos nas instituições destinadas às ciências e educação do Estado brasileiro, como de diretor do Museu Nacional (1847-1866), do Jardim Botânico (1861-1862), Lente na Escola Militar (a partir de 1846), professor de geologia na Escola de Aplicação do Exército.[70]

Quanto ao seu último redator, Domingos Sérgio de Carvalho (1896), que apenas participou d'*O Auxiliador* durante uma edição e curtíssimo período de tempo, sua caracterização é mais difícil. Dado a pouquíssima biografia encontrada a seu respeito, não foi possível saber o quão representativo foram seus trabalhos no Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (MAIC)[71] e Serviço de Proteção aos Índios e Localização de Trabalhadores Nacionais (SPILTN) em comparação ao restante de suas atividades. Dificultando, dessa forma, a construção de um perfil.[72]

---

62 Revista trimestral do Instituto Historico e Geographico, e Ethonographico do Brazil. T. XX. 1857. Tipografia Universal de Laemmert, p. 84-5

63 SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1870, tomo 9, p. 170.

63 BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. 5.v. *Dicionário Bibliographico Brazileiro*. 7.v. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1899, t. 2, p. 271-2.

64 SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1870, tomo 9, p. 170.

65 STRAUCH, Paulo Cesar. Pindorama e o Palácio de Cristal: um olhar brasileiro sobre a Exposição de Londres de 1851. Rio de Janeiro: E-Pappers, 2008, p. 158.

66 BRASIL. Ministério da Fazenda. Proposta e Relatório Apresentados a Assembleia Geral Legislativa na Primeira Sessão da Nona Legislatura pelo Ministro e Secretário d'Estado dos Negócios da Fazenda Joaquim José Rodrigues Torres, Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1853.

67 *Revista do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros*. Rio de Janeiro, RJ: Typ. de Quirino & Irmao, 1891, p. 138-9.

68 SILVA, Marcelo Gomes da. *Os discursos nos regulamentos:discussões e adaptações às políticas públicas para a instrução primária no Brasil no século XIX.* Trabalho apresentado no XVI Encontro Regional de História. ANPUH-MG, Belo Horizonte-MG, 20 a 25 de julho de 2008.

69 *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *SegundaNova Série*, n. 6, 1866, v. XXI, p. 211.

70 *SEÇÃO de Museologia*. Os Diretores do Museu Nacional/UFRJ. Rio de Janeiro, 2007/2008. Disponível em: <http://www.museunacional.ufrj.br/site/assets/pdf/memoria_1.pdf>.

71 SOUZA LIMA, Antonio Carlos de. Os museus de história natural e a construção do indigenismo no Brasil. Notas para uma sociologia das relações entre campo intelectual e campo político no Brasil. *COMUNICACOES DO PPGAS*, v. 000013, p. 1-85, 1989, p. 43.

72 LIMA, Antonio Carlos de Souza. Poder tutelar y formación del Estado en Brasil: notas a partir de la creación del Servicio de Protección a los Indios y Localización de Trabajadores Nacionales. *Desacatos*, México, n. 33, agosto 2010. Disponível em <http://www.scielo.org.mx/scielo

Ainda assim, mesmo com esses três nomes cujas biografias estão mais vinculadas ao Estado do que a atividades acadêmicas e científicas, essas últimas não são ausentes. Januário da Cunha Barbosa foi responsável pela tradução e pela autoria de vários artigos presentes nos primeiros números d'*O Auxiliador*, além de ter sido também professor de filosofia "por mais de um quarto de século".[73]Nicolau Joaquim Moreira foi diretor do Jardim Botânico, diretor de sua seção de Botânica e subdiretor do Museu Nacional, além de ter continuado e expandido a publicação dos Manuais Agrícolas e escrito dezenas de textos para o periódico da *Sociedade Auxiliadora* e do IIFA.[74] Os nomes desses dois homens, especialmente de Nicolau Joaquim Moreira, a despeito de suas atribuições políticas, não foram celebres por essas posições, mas por seus esforços na vulgarização e por suas carreiras científicas.

Quanto a formação dos redatores, apenas Januário da Cunha Barbosa e o frei João Maria Barbosa não possuem registro de diplomação em alguma área específica. Os redatores que os sucederam sempre possuíram uma ou mais diplomações. Manoel Ferreira Lagos se formou em humanidades e medicina. Lino Antônio Rebello era doutor em ciências naturais, matemática, humanidades e em filosofia.[75] Emílio Joaquim da Silva Maia se diplomou em ciências físicas, matemática, filosofia natural e medicina.[76] Pedro de Alcântara Lisboa era graduado engenheiro químico e em letras. Miguel Joaquim Pereira de Sá foi doutor em ciências matemáticas. Berthold Goldschmidt, apesar da ausência de documentos a respeito de sua formação, era mencionado como sendo médico homeopata. Manoel de Oliveira Fausto, também com poucos registros biográficos disponíveis, tem as evidências de sua formação no ensino superior nas páginas do periódico, onde era mencionado com o nome precedido por "doutor", por ter sido advogado.[77] Frederico Leopoldo César Burlamaque formou-se em engenharia, ciências naturais e ciências matemáticas.[78] Nicolau Joaquim Moreira havia se formado em medicina[79] e Domingos Sérgio de Carvalho em engenharia agrônoma.[80]

.php?script=sci_arttext&pid=S1405-92742010000200004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 26 agosto 2015.

73 SISSON, Sébastien Auguste. *Galeria dos Brasileiros Ilustres*. Brasília: Senado Federal, 1999. 2v.: il, p. 441

74 *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *SegundaNova Série*, n. 10, 1880, v. LVII, p. 237.

75 MILLER, Célia Peitl. *O Doutorado em matemática no Brasil: um estudo histórico documentado (1842 a 1937)*. 2003. vi, 473 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2003.

76 MACEDO, Joaquim Manuel. *Um Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005, p. 321; 344.

77 A respeito dessa menção, ver: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *SegundaNova Série*, n. 7, 1852, v. I, p. 237.

78 *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *SegundaNova Série*, n. 6, 1866, v. XXI, p. 208-228.

79 CARVALHO, Domingos Sérgio. Esboço Biográfico do Dr. Nicoláo Moreira. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro***.** Rio de Janeiro, t. 58, 1895. p. 327-336.

Foram quatro as nacionalidades dos redatores d'*O Auxiliador da Indústria Nacional*. A maioria deles, oito do total de doze redatores, eram brasileiros; e, dentre esses, metade são sabidos terem nascido no município neutro do Rio de Janeiro. Dos quatro redatores que não eram naturais do Brasil, dois eram portugueses, um argentino e um prussiano.

Quer seja pela maior sobrevivência de documentos impressos relacionados ao Estado, o controle empreendido por essa instituição nas mais diversas áreas da sociedade ou por uma real tendência desses homens em se afiliar com instituições governamentais, são pouquíssimos os registros de suas atividades não vinculadas ao Estado brasileiro, mesmo que, na maioria das vezes, distantes de importantes funções na cadeia administrativa do governo.

As conclusões retiradas das informações colhidas sobre os Auxiliadores não podem, entretanto, serem levadas para muito longe. Os dados biográficos, bem como quase tudo aquilo que pode ser objeto histórico, está limitado, primeiro, pela falibilidade dos documentos utilizados, mas, especialmente, pela dificuldade, ou mesmo impossibilidade, de se determinar a representatividade dos documentos acessados.[81] A única exceção a essa crítica será, talvez, as nacionalidades desses homens, pois não é possível que tenham nascido em duas nações.

Uma proposição possível a respeito do perfil dos redatores do periódico *O Auxiliador da Indústria Nacional* é a de que a maioria deles foram homens dedicados às ciências, fosse na sua produção ou em sua vulgarização.

Os homens que compuseram as comissões da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional eram responsáveis pelas emissões de pareceres técnicos sobre a condição de indústrias, petições de privilégios e mesmo para a resolução de disputas. As comissões, posteriormente chamadas de seções,[82] eram compostas por associados eleitos usualmente com formação especializada para investigar e emitir relatórios sobre determinadas áreas. A princípio, as comissões eram seis:[83] de fundos; de análise e processos químicos; de economia doméstica e rural; de agricultura; de artes, fábricas e comércio; e de redação de jornais, programas e revisão de memórias.

Não raramente os componentes dessas seções, ou comissões, prestavam seus serviços ao Estado brasileiro em nome da *Sociedade*, emitindo, por exemplo, relatórios técnicos

---

80 ARAUJO, Nilton de Almeida. *A escola agrícola de São Bento das Lages e a institucionalização da agronomia no Brasil (1877-1930)*. Dissertação (mestrado) - Feira de Santana-Salvador/BA: UFBA/UEFS, 2006, 175-6 f.

81 FISCHER, David Hackett. *Historians' Fallacies – Toward a Logic of Historical Thought*. New York: Harper Perennial, 1970, p. 216.

82 A partir do ano de 1857, as comissões foram reformuladas e passaram a se chamar seções.

83 *SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL*. Estatuto da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional. Rio de Janeiro: Typographia Austral, 1838.

quando solicitados sobre indústrias ou maquinários,[84] dos quais muitos eram publicados nas páginas do periódico. Para a *Comissão de Redação de Jornais, Programas, e revisão de memorias*, talvez por não requisitar daqueles que a compunham um aprofundado conhecimento técnico-científico, seus componentes estão mais próximos àqueles que compunham o Conselho Administrativo, sendo homens mais relacionados à atividade política. As características dos associados da *Sociedade Auxiliadora* como pertencentes a uma aristocracia, entretanto, está presente entre os sócios que compunham a *Comissão de Redação de Jornais, Programas, e Revisão de Memórias*, parcialmente responsável pelos artigos publicados no periódico. São frequentes entre seus membros nomes de destaque na atividade política brasileira e quase sempre possuidores de cargos de alto-escalão dentro da estrutura administrativa imperial.

Os membros da referida comissão eram frequentemente alterados, tendo sido membros delas, como já dito, vinte e nove homens. Foram eles (cronologicamente): Januário da Cunha Barbosa (1780-1846), Custódio Alves Serrão (1799-1873), Balthazar da Silva Lisboa (1761-1840), João Maria Barbosa (?-1848), José Cesário de Miranda Ribeiro (1792-1856), Candido José de Araújo Vianna (1793-1875), Bento da Silva Lisboa (1793-1864), Caetano Maria Lopes Gama (1795-1864), Caetano Alberto Soares (s/d), José Domingues de Ataíde Moncorvo (s/d), Diogo Soares da Silva Bivar (1795-1865), Manoel de Araújo Porto Alegre (1806-1879), José Gonçalves de Magalhães (1811-1882), Rodrigo de Souza José, José de Paiva Magalhães Calvet (1808-1853), Manoel Ferreira Lagos (1817-1871), Joaquim Teixeira de Macedo (1795-1853), João José de Souza Silva Rio (1810-1886), Luiz de Souza Lobo (s/d), Manoel Maria de Moraes Valle (1824-1866), Lourenço Vieira de Souza Meirelles (s/d), Braz Joaquim da Silveira (s/d), José Júlio Dreys (s/d), Alexandre José do Rosário (s/d), Manoel Paulo Vieira Pinto (s/d), José Bonifácio Nascentes de Azambuja (1814-1877), José Pedro Dias de Carvalho (1808-1881), Antônio José Victorino de Barros (1824-1891) e João Carlos de Souza Ferreira (s/d).[85]

Entre todos esses homens que compuseram a referida comissão, ou ao menos nos nomes que conseguimos descobrir, encontramos que esses associados eram desembargadores, deputados gerais, senadores, lentes, freis, médicos, professores, diretores do Museu Nacional e do Jardim Botânico, ministros da Justiça e da Fazenda, presidentes de

84 O primeiro exemplo dessa espécie de publicação apareceu logo na segunda edição do AIN; o exame de um maquinário inventado por Antônio de Santo Valério Scheult. Ver: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, n. 3, 1834, v. II, p. 72.

85 As datas de nascimento e falecimento indicam quais dos membros da Comissão foi possível identificar a biografia.

províncias e de inúmeros outros cargos, mas principalmente aqueles relacionados ao aparelho do Estado brasileiro e seu alto-escalão administrativo.

A partir da edição 1857, as comissões permanentes da *Sociedade Auxiliadora* foram extintas de suas páginas e, em seu lugar, surgiram *seções* dedicadas a atividades mais específicas, como a *Secção de Geologia applicada o chimica industrial*, *Secção de melhoramento das raças animaes*, etc., que agora também possuíam mais membros, sete por seção. A *Comissão de Redação de Jornais, Programas, e revisão de memorias*, no entanto, desapareceu das páginas d'*O Auxiliador* e, aparentemente, não foi substituída por nenhuma seção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, apesar de ter sido uma associação de longuíssima duração e uma das mais importantes instituições brasileiras do século XIX, genitora de outras tantas sociedades, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838), a Sociedade Vellosiana (1850) e o Instituto Imperial Fluminense de Agricultura (1860), ainda possui muito de sua história para ser escrita. Este artigo, destarte, pôde contribuir com uma série de novas informações sobre ela: as premiações que a sociedade recebeu por sua publicação, a mudança do local onde se realizavam as reuniões de seus associados, os Manuais Agrícolas publicados e seus autores, a continuidade no funcionamento da Escola Noturna de Instrução Primária para Adultos e a Escola Industrial após o ano de 1892, assim como a tentativa de relançamento do periódico em 1896, mas, sobretudo, a história dos redatores d'*O Auxiliador da Indústria Nacional*.

Os doze homens responsáveis pelos sessenta anos de existência do periódico, ao contrário da receita que até então se escreveu para os associados da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, não se seguem para esses homens. Não precediam seus nomes títulos nobiliárquicos como de Viscondes e Marqueses, também não ocuparam cargos de destaque dentro da política da administração imperial e republicana, e mais longe estiveram de serem considerados, mesmo entre seus pares, homens políticos.

Eram homens que acreditavam na ciência e muitas vezes se viam encantados pelas proezas que esse aqui-sabido método superior estava trazendo para a humanidade em alhures, e ansiavam em ver essas mesmas conquistas florescendo em terras brasileiras. Anunciam trazer o conhecimento científico como os portadores de uma vela a iluminar a escuridão da rotina e da ignorância que a produção brasileira estava envolta, fosse essa *escuridade* o desconhecimento dos homens laboriosos acerca dos métodos de produção

modernos, a inação do Governo Imperial ou a escravidão.[86] Alguns entre esses homens acreditavam que a imprensa periódica sozinha seria capaz de contribuir para o "progresso social, cientifico e industrial".[87]

A prodigiosa ciência, lembrou Januário da Cunha Barbosa, nem sempre foi benquista, em outros tempos, comentou o Cônego, "a ciência era perseguida, desprezada e oprimida".[88] O método empírico, entretanto, prevaleceu ao racionalismo naquele momento. Conscientes dessa nova realidade, esses homens se propuseram para decantar aquele conhecimento que fosse útil para os brasileiros e, notadamente, que fosse útil para o melhoramento das técnicas de produção e, por fim, conseguisse alcançar o mesmo *progresso* que demais nações já haviam alcançados. E, para eles, a publicação periódica era o melhor meio para esse empreendimento.

Pois além de amantes da ciência também o eram de sua nação, o Império do Brasil. Todos os redatores brasileiros frequentemente confessam o seu amor pelo país e professavam ser esse o maior incentivo para os seus respectivos trabalhos na vulgarização científica: o sonho de ver o Brasil equiparado as principais potências de sua época. Pedro de Alcântara Lisboa, o engenheiro químico, associado e redator do periódico, ansiava poder convencer os seus leitores "de que Venezuela e outros países muito inferiores ao Brasil empregam melhores meios de preparar o café, eles dariam por bem empregados alguns ensaios para melhorar essa preparação".[89]E mesmo entre os redatores nascidos em algures foi possível encontrar sentimentos semelhantes para com o Império.

Não obstante a inseparável relação desses homens com a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, alguns dos quais só são conhecidos por sua associação a ela. Deverá este, portanto, terminar com uma síntese do quem foram aqueles homens. E a melhor constituição de um perfil para os redatores está nas palavras escritas por Joaquim Manuel de Macedo, em sua homenagem póstuma para o redator e secretário perpétuo Emílio Joaquim da Silva Maia, mas que poderia ser empregada para a maioria dos Auxiliadores d'*O Auxiliador da Indústria Nacional*:

> É este um nome que não ouviste repetir nem nas lutas ardentes dos comícios públicos, nem nos certames ardentes arrebatados dos comícios públicos, nem nos certamos arrebatados da imprensa política; nome que nunca foi

86 À primeira vista, essa analogia pode parecer demasiadamente descabida, mas ela foi inspirada por um trecho do texto de introdução do próprio AIN, escrito por Januário da Cunha Barbosa. Escreveu ele: "Esta [a ciência] oferece-nos infinitos tesouros, mormente em um país onde a luz das Ciências não tem penetrado os campos assombrados pela espessa escuridade dos brutais Africanos [...]". In: *O Auxiliador da Indústria Nacional*, n. 1, 1833, v. 1, p. 10.

87 *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *Nova Série*, n. 1, 1849, v. IV, p. 3.

88 *O Auxiliador da Indústria Nacional*, n. 1, 1833, v. 1, p. 1-10.

89 *O Auxiliador da Indústria Nacional*, *Nova Série*, n. 1, 1849, v. IV, p. 1-4.

endeusado nem proscrito pelos tribunos, nem nos escreveu jamais ato algum da alta administração do país. Foi o de um cidadão que não se encontrava no parlamento, onde se debatiam os partidos, nem nos gabinetes dos ministros, onde se combinava as profundas medidas para o governo do Estado; sua esfera foi mais modesta, seu horizonte menos brilhante, talvez, porém, mais vasta, sem dúvida mais serena. Quem o buscava ia à seara do sábio, e tinha a certeza de achar o constante e desvelado lavrador manejando o arado da ciência.[90]



[90] MACEDO, Joaquim Manoel de. Discurso do Orador do Instituto Histórico o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.** Rio de Janeiro, t. 22, 1859. p. 704-712.